



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



O QUE FAZER COM AQUELES QUE “NÃO APRENDEM”? : UM OLHAR PARA A SINGULARIDADE DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Lilian Flores¹

Tiago Marcelo Trevizani²

Introdução

A instituição escolar se constitui como um espaço formal de aprendizagem, tendo como principal função oferecer o acesso aos saberes construídos pela humanidade. A escola pode ser definida como um lugar para se aprender. Apesar disso, os atores envolvidos no cotidiano escolar se veem diante de um inquietante desafio: o que fazer com aqueles que supostamente “não aprendem”?

A deficiência intelectual (DI), seguidamente, aparece como um modelo explicativo para essa questão, justificando a dificuldade de aprendizagem de alguns sujeitos. Conforme o Censo Escolar de 2020, 266 crianças/estudantes na Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo (RME/NH) estavam apontados como DI. Esse número correspondia a 47% do público do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e 1% dos 24190 estudantes matriculados na rede. Isso mostra a necessidade de se pensar a singularidade dos processos de aprendizagem e a construção de práticas pedagógicas que atendam as especificidades dos estudantes no que refere ao seu direito de aprender.

Os dados do Censo Escolar motivaram este estudo, de modo que são apresentados aqui tópicos de uma pesquisa bibliográfica. Autores como Bordin e Scheid (2019), Diniz (2007), Fernández (1991), Foucault (2008; 2010), Heredero (2010); Lobo (2008); Silva e colaboradores (2010) e outros contribuíram para essa reflexão. Foram consultados o DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION,

¹ Especialista em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional (FEEVALE). Especialista em Neurocognição e Aprendizagem (Faculdade IENH). Licenciada em Pedagogia (Feevale). Professora da Rede Municipal de Ensino, atuando no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). E-mail: lilianflores@edu.nh.rs.gov.br

² Doutorado em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Bacharel em Psicologia (UNISINOS). Professor da Rede Municipal de Ensino, atuando no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). E-mail: tiagotrevizani@edu.nh.rs.gov.br



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



2014), algumas legislações (BRASIL, 2008; 2015) e os Cadernos Orientadores da RME/NH (2019; 2020).

Este texto pretende suscitar uma discussão sobre os conceitos de DI, a partir de diferentes paradigmas. Além disso, busca destacar a singularidade nos processos de aprendizagem, evidenciando a adaptação/acessibilidade curricular (AC) como estratégia pedagógica potente no contexto escolar.

Estratégias metodológicas

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório sobre os processos de aprendizagem e DI. A pesquisa bibliográfica é “concebida a partir de materiais já publicados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.128), que possibilitam um contato com os conceitos que compõem determinado campo de análise.

Deficiência intelectual e singularidade nos processos de aprendizagem

O que fazer com aqueles que “não aprendem”? Ao longo da história, diferentes discursos ganharam visibilidade na expectativa de “responder” a essa pergunta. A partir de uma análise histórica, nota-se que tais sujeitos foram categorizados como “incapazes” e “anormais”, como se essas condições fossem intrínsecas ao indivíduo que padece de “defeitos constitucionais”, do ponto de vista intelectual e moral, associados, por vezes, a “defeitos corporais”. Tais concepções possibilitaram, em diferentes épocas, a emergência de práticas excludentes e segregadoras (FOUCAULT, 2010; LOBO, 2008; SILVA et al, 2010). Essa breve contextualização é importante, uma vez que, entende-se que um “objeto de estudo” não pode estar dissociado das tramas discursivas e das condições históricas as quais o constituem (FOUCAULT, 2008). Feita essa nota preliminar, apresenta-se o modelo biomédico e o modelo social da deficiência.

Na perspectiva biomédica, a DI corresponde ao Retardo Mental na Classificação Internacional das Doenças (CID-10), sendo uma mudança terminológica introduzida pelo DSM-5. É caracterizada como um transtorno do neurodesenvolvimento que envolve déficits intelectuais e nas funções adaptativas, iniciados antes dos 18 anos de idade. As etiologias são diversas e podem envolver



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



fatores pré, peri e pós-natais, além de casos de origem genética (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; DUARTE, 2018).

O modelo social problematiza a hegemonia do discurso biomédico, entendendo que a deficiência não se resume a um catálogo de doenças, déficits e lesões que acometem um corpo que precisa ser “reabilitado” e “normalizado”. Ele denuncia as barreiras sociais que impedem a participação e promovem desigualdade dos sujeitos com impedimentos corporais. Compreende a deficiência como uma forma de habitar um corpo, como uma manifestação da diversidade humana, que tende a ser obstruída por barreiras que excluem aqueles que se desviam do padrão socialmente estabelecido. Assim, a deficiência passa a ser vista de forma mais ampla, como um tema dos direitos humanos e das lutas em favor da justiça e igualdade (DINIZ, 2007; DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009; GESSER; NUERNBERG, TONELI, 2012).

O direito à educação da pessoa com deficiência foi historicamente negligenciado devido à crença na incapacidade de aprendizagem desse sujeito. Romper paradigmas acerca das impossibilidades de aprender e estar incluído na sociedade são parte de um processo de compreensão de que a DI “não pode predeterminar o limite de desenvolvimento do indivíduo” (BORDIN, 2019, p. 27).

Ao entender que todas as pessoas são constituídas por histórias, experiências e condições existenciais que as tornam únicas, pode-se avançar para modificar o pensamento que tenta enquadrar todos em um mesmo padrão dito “normal”. Embora se desenvolvam no contexto coletivo, os processos de aprendizagem são singulares. A atenção e a presença são indispensáveis nas relações de aprendizagens entre aprendentes e ensinantes³. Conhecer como cada sujeito constrói a sua aprendizagem, a peculiaridade de seu desenvolvimento, as concepções e práticas pedagógicas dos professores são aspectos fundamentais neste trabalho em rede que implica a autoria de todos os envolvidos.

Os espaços escolares, incluindo a Sala de Recursos Multifuncional (SRM), são ambientes de acompanhamento e atenção aos sujeitos. Esta última

³ Os conceitos de aprendente e ensinante são duas posições subjetivas simultâneas que se encontram na mesma pessoa. É o lugar de alguém que só se faz ensinante na medida em que ensina e aprende, sendo que o aprendente se faz pelo mesmo processo, possibilitando construir conhecimento ao relativizar esses lugares (FERNÁNDEZ, 1991).



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



pode contribuir na construção de AC que favoreçam práticas pedagógicas inclusivas. Assim, a escola é “o lugar onde se privilegiam as singularidades dos sujeitos dentro do contexto coletivo, oportunizando diferentes estratégias pedagógicas para que todos possam aprender” (NOVO HAMBURGO, 2019, p. 12). A AC, que é garantida por lei, busca assegurar currículos, métodos, técnicas e recursos educativos para atender as necessidades específicas das crianças/estudantes, contemplando as potencialidades de cada sujeito e eliminando possíveis barreiras (BRASIL, 2008; 2015; HEREDERO, 2010; NOVO HAMBURGO, 2019; 2020).

Considerações finais

Os modelos biomédico e social da deficiência partem de paradigmas diferentes, que podem ser entendidos como antagônicos. No entanto, a prática pedagógica, no campo da Educação Inclusiva, aponta que é possível levar em consideração as concepções oriundas desses dois modos de compreensão, sem que um seja, necessariamente, rechaçado em detrimento do outro. Por um lado, o modelo biomédico traz contribuições importantes, que auxiliam numa certa objetividade, por vezes necessária, especialmente quando se trata do acesso a alguns direitos. Já o modelo social problematiza a visão reducionista que desconsidera a singularidade dos sujeitos e os fatores de discriminação e opressão.

O olhar para a singularidade da aprendizagem suscita perguntas que abrem espaços para se pensar sobre o que as crianças/estudantes podem aprender e as práticas pedagógicas que podem estimular suas potencialidades em um ambiente acolhedor e inclusivo com garantia de acesso ao currículo.

Se por um lado a escola busca responder o que fazer com esse sujeito que supostamente não aprende, talvez o necessário seja justamente a disposição em fazer perguntas. Trata-se de deslocar a inquietação diante de uma “não-aprendizagem” para uma situação de aprendizagem, ao considerar a ideia de que aprender é viver e a pergunta tem a potência de impulsionar mudanças nas práticas pedagógicas.



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORDIN, Jussanio Basso; SCHEID, Neusa Maria John. **A singularidade da aprendizagem escolar em crianças com deficiência intelectual**. Curitiba: Appris, 2019.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão nº 13146**. Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

DINIZ, Debora. **O que é a deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, Debora, BARBOSA, Livia e SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos** [online]. 2009, v. 6, n. 11

DUARTE, Regina C. Beltrão. Deficiência intelectual na criança. **Residência Pediátrica**. 2018; 8 (Supl.1):17-25

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H.; TONELI M. J. F. A contribuição do modelo social da deficiência à Psicologia Social. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 24, n.3, p. 557-566, 2012.

HEREDERO, Eladio Sebastian. **A escola Inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações Curriculares**. Acta Scientiarum Education. Maringá, v. 32, n.2, 2010, p.193-208.

LOBO, Lilia. **Os infames da história: pobres, escravos e dedicientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Educação. **Fundamentos e concepções da Rede Municipal de Ensino**: Documento Orientador. Caderno 1. Novo Hamburgo: SMED, 2019.



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Educação. **Organização da Ação Pedagógica do Ensino Fundamental e EJA:** Documento Orientador. Caderno 3. Novo Hamburgo: SMED, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico Freitas. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Rosane Neves da et al. "Anormais escolares": a psiquiatria para além dos hospitais psiquiátricos. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação [online]. v. 14, n. 33, 2010.